

TEMPO DE AMAR

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

VOLUME II



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- Amor, por Aline Ribas, pág. 05
I Coríntios 13, para todo tipo de amor!, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 07
Philos: O amor dos grandes amigos, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 09
A espera, por Bert Jr., pág. 11
A inominável personificação da literatura, por Caique de Oliveira Sobreira Cruz, pág. 14
Palavras do meu coração, por Eduarda de Paula Cabral, pág. 18
Rainha mulher, por Emanoely Santos, pág. 24
Carta de amor, por Gabriel Machado Saccilotto Freitas, pág. 29
Lâmpada mágica, por Gabriel Machado Saccilotto Freitas, pág. 34
Apartamento 104, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 37
Inquietudes, por Bel Wells, pág. 43
Mágica, por Idicampos, pág. 45
A imperfeita, por M. Braz, pág. 47
Da(s) maternidade(s), por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 50
Adoção em dobro, por Roberto Minadeo, pág. 56
O tempo a seu tempo, por Roberto Schima, pág. 61
Em torno do Amor, por Saul Cabral Gomes Júnior, pág. 66
Botão de amor, por Waléria Soares, pág. 68
Loucos, por Waschgniton Ferreira Santana, pág. 70
Um dia de encontros, por Yael Weiss, pág. 72
Conheça outros títulos da coleção, pág. 75

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



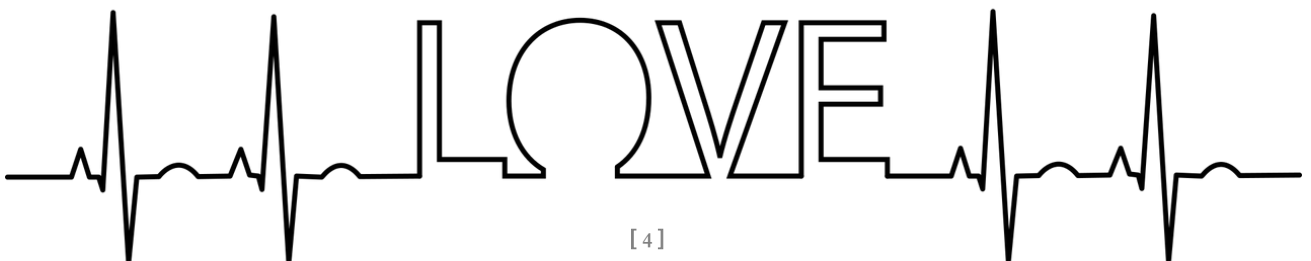
O VELHO E A FLOR

Por céus e mares eu andei,
Vi um poeta e vi um rei
Na esperança de saber
O que é o amor.

Ninguém sabia me dizer,
Eu já queria até morrer
Quando um velhinho
Com uma flor assim falou:

O amor é o carinho,
É o espinho que não se vê em cada flor.
É a vida quando
Chega sangrando aberta
em pétalas de amor.

Vinicius de Moraes





APRESENTAMOS O POEMA

AMOR

Por Aline Ribas

Sobre a autora: Aline Ribas, nascida em Presidente Prudente, interior de São Paulo, atualmente reside na cidade de Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo, bacharel em Direito, turismóloga, empreendedora no setor de turismo, amante da natureza, sempre gostou de escrever e desenhar, resolveu colocar seu sonho em prática, iniciando pelo universo infantil que é uma de suas paixões, autora de alguns livros infantis e de poemas do cotidiano.

Muito prazer eu sou o Amor
Meu nome é pequeno, mas sou grandioso em meus atos
Tenho um poder encantador
Vou te fazer feliz e disparar seu coração em muitos momentos
Vou deixar você com aquele frio na barriga e parado no tempo
Eu posso surgir de muitas maneiras
No nascer de uma mãe ou um pai
No nascer de uma nova amizade
E até mesmo quando seu olhar fraterno quebrar barreiras
Algumas vezes vou te deixar ferido
Faz parte do meu jogo
Seu coração vai ficar dolorido
Mas como o tempo é meu melhor amigo
Você logo vira a página e reacende seu fogo
Eu sou assim, calmo e turbulento
Mas ninguém vive sem mim
É preciso me abraçar como sentimento
E viver com minha intensidade sem fim





APRESENTAMOS O POEMA

I CORÍNTIOS 13, PARA TODO TIPO DE AMOR!

Por André Luiz Martins de Almeida

Sobre o autor: André Luiz Martins de Almeida, Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mas registrado em Nova Iguaçu. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outros bairros de Nova Iguaçu e outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Curso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014, onde se batizou em março de 91. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial (2019).

Muitos fãs de uma **“Legião Urbana”** descobriram a verdade.
Os mandamentos foram cantados pelo mundo, que alcançou a liberdade.
O amor sem fronteiras da **Bíblia**, ainda é uma atualidade.

Com isso o cristão foi desafiado.
O poder do amor transforma àquele a quem foi confiado.
“I Coríntios 13, para todo tipo de amor!” Não seja desconfiado!

Cante o verdadeiro amor apresentado.
O homem do seu efeito não pode ser isentado.
O **amor de Deus** pelo **Apóstolo Paulo** foi representado.

Se existem, todo tipo de amor, sem o amor de Deus, nada seria!
O verdadeiro amor sem barreiras e fronteiras que eu queria,
Me alcançou, não pela canção, mas pela ousadia.

Um povo de coragem me apresentou às escrituras.
Atravessei as fronteiras pelo amor, onde deixei as caricaturas.
Hoje visto a camisa do amor, que me resgatou de anônimas criaturas.





APRESENTAMOS O POEMA

PHILOS: O AMOR DOS GRANDES AMIGOS

Por André Luiz Martins de Almeida

Sobre o autor: André Luiz Martins de Almeida, Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mas registrado em Nova Iguaçu. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outros bairros de Nova Iguaçu e outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Curso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014, onde se batizou em março de 91. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial (2019).

Um sentimento confronta nossa avaliação.
Pode ser o tempo de permanência e filiação.
Entretanto entregamos para juízo, alguém idôneo na civilização.

A partir daí, o amor passou por transformação.
A humanidade passou a consumir informação.
O amor se desmembrou para nova formação.

Uma comunidade com o amor dos grandes amigos desabrochou.
Um amor que valoriza a amizade, que ainda não rachou.
Pode nada significar, porém é algo importante para aquele que o achou!

Somos grandes amigos devido a um amor incondicional.
Une pessoas diferentes e não é um sentimento tradicional.
Não é um conceito o amor sem fronteiras, nem um adicional.

Meus amigos utilizem este amor sem parcimônia.
Vão, corram em sua direção sem cerimônia!
O amor dos grandes amigos fará falta, quando bater a insônia.

Philos o amor em formato de lírios.
Jesus, o grande amigo que encharca de lágrimas nossos cílios,
Abre nossos olhos para a salvação, como se fossem colírios.





APRESENTAMOS O POEMA

A ESPERA

Por Bert Jr.

Sobre o autor: Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS transferiu-se para Brasília, a fim de cursar Diplomacia no Instituto Rio Branco. Em sua experiência como diplomata já conheceu vários países. Escreve poemas e contos, havendo publicado seu livro de estreia na ficção, "Fict-Essays e contos mais leves", no final de 2020. Também compõe músicas e letras, considerando-se um "violonista amador intermitente". Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, um livro de poesia e um segundo volume de contos.

esperei por ti
oh! fulgurante pássaro
para erguer-me além das nuvens
graças a tuas
poderosas e pulsantes asas

de lá vislumbraria
os confins imaginários do sonho
e novas portas ultramarinas
mas à noite foi que vieste
enquanto profundo dormia

novamente esperei
uma vez mais e outra ainda
a tua glamurosa passagem
mas nunca quiseste dar-me
o prêmio da tua vinda

desisti de esperar
esqueci-me de almejar
a existência tua
me fiz ao mar e este me fez
sua criatura

tempos se foram
longos
em desconcertos e ousadias
longe
da costa firme

na véspera de meu retorno
sonhei que antes morria
porém no outro dia lá estavas
sem disfarce nem mitologia
pois presente esperaste sempre

e por tua causa
apenas por causa tua
voltava
ou então seria náufrago
em noite sem lua





APRESENTAMOS O CONTO
A INOMINÁVEL PERSONIFICAÇÃO DA LITERATURA
Por Caique de Oliveira Sobreira Cruz

Sobre o autor: Caique de Oliveira Sobreira Cruz, nascido em 15/08/1994 na cidade de Salvador/BA. É graduado em Direito e mestrando em Políticas Sociais pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá. Educador Popular pela ADEP-UERJ. Pesquisador Interdisciplinar pela FAPESB. Escritor em diversos sites e blogs sobre temas variados como: economia, política, história, sociologia, literatura, etc. Autor do artigo "A subsunção do real ao estético, a miséria do pós-modernismo" publicado pela Revista de Estudos Latino-Americanos na edição de 2018, volume 8, p.426-461. Autor dos contos: "Salva-me, socorrista" publicado na Revista LiteraLivre 21ª Edição, "A história que não acabou e não pode acabar" na 22ª Edição da LiteraLivre e "Nestor, o advogado do diabo" na 24ª Edição da LiteraLivre. Participou da Antologia "Tempo de Amar" Volume I, com o conto "Salva-me, Socorrista".

Sobre aquela fatídica e ensolarada tarde no campo, seguem breves e singelas notas de um pretenso conto. Estava eu a passar naquele cenário incomum para indivíduos caseiros e avistei duas pessoas, uma delas jogando os cabelos reluzentes ao vento, o sol peneirado por sombras de árvores que carregavam folhas avermelhadas refletia uma luz brilhante diante da sua loira cabeleira, a moça corria pra lá e pra cá, sentindo a natureza, respirando e transpirando os ares, o cheiro das rosas, descalça com os seus pequeninos e belíssimos pés de calçado número 36, ela sentia o macio da grama extremamente esverdeada, havia vida em todos os lados, em todo canto, o cantar dos pássaros nos provava isto, nos fazia conjecturar que assoviavam racionalmente para completar o panorama daquele fausto. Uma cena apaixonante e cinematográfica, os olhos dela cintilantes da cor de mel fitavam-me de uma maneira muito forte, razão pela qual resolvi parar e admirar o contexto, o destino havia reservado que ela estivesse com os óculos em uma das mãos, revelando os irradiantes olhos e, na outra, carregava as suas sapatilhas.

A segunda pessoa que estava lá, ao seu lado, não era menos resplandecente, entretanto, não corria, apenas filmava com uma câmera de última geração os momentos marcantes vividos pela primeira pessoa, a inominável. Registrando cada passo dela e fazendo ela dar risada cada vez mais para que se enquadrasse ao ângulo da filmagem. Bom, os terceiros ao redor, que também curtiam o ambiente e reparavam as cenas descritas, provavelmente devem ter pensado apenas que era uma doidinha serelepe, saltitante sem razões últimas, que sujava seus pezinhos na grama de maneira desleixada, uma verdadeira birutinha desvairada. Mas, lamentavelmente, a minha mente é um pouco poética e a forma que demonstreste estar vivendo aquele espaço só me fez pensar em alguma personagem que estaria ali, como uma espécie de livro poético ou mesmo um romance hollywoodiano, embora eu não fosse muito fã da sétima arte norte-americana, em verdade, a detesto.

Ela mantinha-se sorridente como se estivesse experimentando cada particularidade do lugar, ou melhor, ela era parte da paisagem, em conjunção e sintonia absoluta, de forma que parecia ser a própria natureza em pessoa. Senhorita, você é pura poesia! Nunca imaginei que lhe enxergaria por lentes tão poéticas em minha vida, mesmo após 4 anos conhecendo-a, aquela tarde foi a primeira vez que ao lhe ver senti um frio na barriga, coração acelerado, leveza de espírito e etc. Se me contassem que eu poderia te ver como uma poesia humana há anos atrás, eu daria boas gargalhadas e chamaria isto de uma

subjetivação fora da realidade, apenas meras abstrações, às vezes o meu mecanicismo fala mais alto, porém, sentimentos espontâneos tendem a nos surpreender.

Foi neste elevado patamar que tudo aquilo me veio à cabeça. Você parecia verdadeiramente uma literatura ambulante, a sua altivez e a sua alegria eram estonteantes, dignas de um espetáculo antológico, talvez o único concretamente possível nesta “Sociedade do Espetáculo”, definida por Debord. Tive uma catarse estética e fiquei deslumbrado, meus glóbulos oculares interpretavam por intermédio de estímulos luminosos que você era a própria reencarnação da Julieta, da Alice, da Iracema, da Macabéa, da Anna Karenina, da Gabriela escrita pelo camarada Jorge Amado, e, especialmente, da Carlota a quem Werther tanto se devotou na obra de Goethe. Urge, então, a necessidade de superar esta imagem poética que fiquei da inominável, pois a vida continua e segue caminhando a passos largos, como em uma ampulheta, o tempo se esgota rapidamente ao cair da areia, os relógios não nos servem mais, e tudo que era sólido em algum momento se desmancha pelo ar, Goethe diria que o homem é muito fugaz, transitório e frágil.

Porém, este lapso temporal não se deu comigo, acomete-me um sentimentalismo exacerbadamente senil e infantil, contraditório, eu sei, decrépito e novo ao mesmo tempo, já disse em algumas ocasiões que a dialética está em tudo que me cerca, mas o fato inconteste é que tudo aquilo não me sai da mente. Maldita natureza! Maldita fotógrafa! Maldito sol! Maldita grama! Malditos olhos! Maldito sorriso!!! Por falar na fotógrafa, ela filmava como uma profissional, entretanto, eu nunca fui daqueles que acreditam na substituição dos humanos pelas máquinas, neste caso, confio mais no registro feito pela minha memória, tenho certeza que o meu cérebro captou muito mais os elementos profundos que nós presenciamos lá do que o mero aparelho digital. Foi um baque muito forte, fiquei sem compreender o que estava acontecendo naquele espaço e comigo mesmo, paralisado, estático, só conseguia lhe enxergar em uma poesia, foi tudo muito instantâneo e autêntico, você floresceu do nada de forma esplendorosa!

A vida prega dessas peças. Por um segundo eu passaria direto e não veria nada disto, perderia uma cena esteticamente perfeita. Por outro lado, também não ficaria idealizando-a com tamanha abstração, como uma fonte de energia deslumbrante, uma exuberância sem igual, delicadeza ao mesmo tempo que força, uma elegância natural. Uma idealização quase que platônica de uma mulher incorporada à natureza, sendo feita desta, mas também expressando-a em suas mais singulares graciosidades, inexistentes

nas vidas urbanas. Ela me trouxe uma sensação de essencialidade que eu queria esquecer um pouco, pelo cansaço e exaustão de várias questões pessoais que naquele momento só me legavam o ódio. Caros leitores, eu não estou doido, não. Mas é que, para mim, foi um estarecimento muito estranho e espontâneo, sabe? Magnificamente excepcional.

Minha querida inominável, eu tinha uma imagem de você mais concreta e real, como uma mulher com suas qualidades e defeitos, cuidadosa com os outros, mas que às vezes se torna chata por excesso, tentando me enquadrar, mesmo que com razão, ou aquela inquieta que deixa as pessoas inquietas, não consegue ficar parada, não cessa suas risadas e trejeitos, sorrindo sempre para alegrar o ambiente/ mesmo quando deixava os outros sem graça sem querer. E, de repente, eu vi que, por um instante, você poderia ser ainda muito mais do que aquela pessoa de coração enorme com terceiros. Veio na minha consciência, em frações de segundos, um contraste entre a percepção que eu tinha de você anteriormente e aquela nova, de uma abstração idealista, perfeita, como se realmente fosse uma cena de filme em que a “princesa” ou sei lá o quê que os roteiristas fantasiam, deixou a todos encantados em um mundo fantasmagoricamente perfeito e belo, divergindo do real. Como se você tivesse brotado de todos os livros que li, não sei explicar direito, é como se eu visse concretamente a forma de personagens que somente havia lido. Sabe aquele vácuo entre o que está escrito e o que se pensa sobre aquilo? Não existem figuras em boa parte dos livros que tive acesso, fica sempre uma dúvida, uma lacuna que sua imaginação preenche, mas que nunca se encerra, pois você não tem a resposta definitiva sobre qual a forma concreta que as personagens realmente têm. Mas quando te vi ali, foi como se tivesse germinado para mim, a forma concreta da literatura, eu vi na sua imagem, a escrita, e na escrita, a sua imagem.

Deves estar me denominando de gentil, mas não é a verdade, eu sou apenas poético, você quem me inspirou, você é a arte da qual eu fui o mero tradutor. Portanto, apesar dos pesares, tenho muito a lhe agradecer, inominável, por ter personificado tão contundentemente a forma última e definitiva da poesia e da literatura, jamais lerei com as mesmas lentes reduzidas de antigamente, fecharam-se as lacunas. Muito obrigado!





APRESENTAMOS O CONTO
PALAVRAS DO MEU CORAÇÃO

Por Eduarda de Paula Cabral

Sobre a autora: Eduarda Cabral nasceu na cidade de São Gonçalo (Rio de Janeiro), no dia 5 de novembro de 1997. Cristã, estudante de licenciatura em Letras Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Além de amar ler ela tem uma incorrigível paixão pela escrita criativa. Autora do blog chamado "Mais uma vez te conto" onde escreve contos de romance, terror, entre outros e considera esse blog o cantinho de uma escritora aspirante. Sonhadora e romântica, sonha em um dia lançar seu primeiro livro e repercutir pela bienal do livro.

Em uma tarde o sol baixava e voltava a brilhar. Parecia não se decidir. Eu estava a caminho para encontrar meu melhor amigo, o de sempre, o Pedro. Aquele que me escutava, me aconselhava, lindo, fofo, doce e brincalhão. Andávamos juntos sempre na escola e fora dela também. Quando cheguei na lanchonete vi ele sentado me esperando distraído e perdido nos próprios pensamentos, por esse motivo não tinha me visto, bem a cara dele, mas quando fui me aproximando mais um pouco vi Pedro sendo abordado por um cara, fiquei expiando de longe. Esse tal cara ofereceu pagar um suco para ele como se estivesse dando em cima do meu amigo, eu logo chego até Pedro dou a volta com o meu braço em seu pescoço e o abraço. Ele calmo como sempre retribui o abraço me segurando colaborando com o meu plano.

— Oi meu amor, quem é o seu amigo?

— Me desculpem — Dizia o cara que o abordava. — Não sabia, com licença.

Eu e Pedro ainda abraçados ficamos ali por alguns segundos mantendo o contato visual sem percebermos. Tive que lembrar a ele de me soltar de suas mãos.

— Você está me devendo! — Dizia em meio ao riso. — Não me diga que não precisava. Eu te poupei.

— Ah, o que seria de mim sem você, Adhara! — Dizia ele em meio a gargalhada.
— Devo-lhe meu muito obrigado!

Em seguida me sentei ao seu lado e pedimos um suco natural para cada um.

— Sobre o que você quer falar, Adhara?

— Não sei. — Dou de ombros. — Eu vi uma saia super linda simétrica. Preciso comprar.

Ele abaixa a cabeça sorrindo achando graça.

— Lembrei! temos que fazer aquele trabalho.

— Nossa é verdade, lembraste bem.

— Com a reforma lá em casa acabei lembrando só agora também.

— Sem problemas, pode ser na minha casa

Fomos até a minha casa fazer o trabalho e lá começamos. Meu amigo é muito esperto, ele tinha muitas habilidades e uma delas era conseguir achar o caminho eficaz e rápido para fazer o trabalho e isso funcionava super bem, ao contrário de mim, que iria ler várias coisas, pesquisar e acabar deixando para outro dia e nada iria se concretizar. Eu tinha as ideias e ele executava, por isso amava fazer trabalhos com ele. A gente se completava. Depois de algumas horas paramos para descansar e comermos alguma coisa,

fui buscar na cozinha e subi de volta correndo para o quarto. Tenho pensado em algo em relação a Pedro, noto que de uns dias para cá algo diferente acontecia com ele e que na verdade não era a primeira vez, mas não sei o que poderia estar acontecendo, por mais que eu o conhecesse.

— Parece que você está um pouco triste.

— Tipo quando?

— Não sei, acho que já faz um tempo que ando notando isso.

— Mas você também, seu rostinho está confuso em relação a algo, o que poderia ser? — Ele muda de assunto focando em mim, como se não quisesse me contar sobre ele para não me preocupar.

— Acho que estou reflexíviva esses dias, pensando no meu futuro, no meu caminho, mesmo sendo muito jovem eu tenho que me preocupar.

— Não sabemos tudo o que há para saber sobre a vida, mas eu sinto que nós sabemos mais sobre a vida do que nós sabíamos quando mais novos. Ainda somos jovens e estamos crescendo, não se preocupe, não tem que sentir medo, pois no final tudo se ajeita.

— Eu não sinto, porque sei que com você tudo dará certo, sempre posso contar com o seus conselhos. Eu te amo, você é o meu melhor amigo — digo isso e em seguida me deito em seu peito e ali ficamos deitados em um poltrona fofa. Em meio a pausa depois que falei que o amava, parecia que em algum momento ele quase hesitou em não me dizer o mesmo.

— Eu também te amo, Aldhara. Não sabe o quanto — abraçando-me de volta e alisando meus cabelos. Quando em seguida me levanto vou até a escrivaninha do meu quarto e volto a olhar para Pedro. Ele estava também de pé, até que vejo uma carta caindo, fugindo de seu bolso esquerdo.

— Uma carta de amor? — Dizia empolgada. Peguei rapidamente antes que ele pudesse pegar e me impedir de ler. Começo a leitura.

— Nossa! — Exclamo com lágrimas nos olhos.

— Eu sei, pois é antiquado.

— De jeito nenhum, é raro ver alguém fazer uma carta, eu acho muito bonito! Quer dizer, lindo! O romantismo nunca sai de moda.

— Eu queria que descobrisse de forma especial por isso fiz essa carta.

— E quem é? — Pergunto ansiosa.

— Como? — Um silêncio invade o ambiente. — É, existe alguém... ela é da escola.

— Só fiquei um pouco surpresa por você não ter me contado antes. Espera, antes de me contar mais vou beber água, espera aqui.

Foi nesse dia quando Pedro decidiu desistir desse amor e seguir em frente, preferiu aceitar o coração dela com o amor de amiga, pois desde o dia em que a conheceu parecia que o seu destino era cuidar dela. Ele rasgou a carta. Sem entender nada voltou para o quarto e não o vejo mais.

Estávamos na escola sentados no chão do pátio, conversando até aparecer uma menina chamando Pedro pelo nome e o tirando de perto de mim. Ele me apresenta. Ela disse que precisava ir para a sua próxima aula e o abraça. Nesse momento sinto um aperto no coração, um nó na garganta se forma e eu não sei o porquê meu corpo estava reagindo assim. Penso que ela provavelmente seria a tal menina da carta a qual ele gostava.

Mais tarde cheguei em casa. Subi direto para o meu quarto. Tiro os sapatos e me jogo na cama com cara para o travesseiro. Era o fato de ter visto que Pedro pudesse estar supostamente com namoradinha nova. Isso me incomodava. De repente ainda pensando em tudo olho para o chão e vejo que ali tinha pedaços de papel picado. Como ele podia estar namorando essa menina sendo que ele nem a entregou a carta e a rasgou. Uma ideia começa a surgir na minha cabeça de que essa carta talvez fosse para mim. Desesperada começo a catar todos os pedacinhos com durex e a releio.

Carta: “Eu sempre fui um rapaz com planos e sempre preparado. Você parece familiar, mas tudo parece tão novo, de repente sinto saudades suas. Penso em tudo que passamos e eu não planejei amar você. Foi tão inesperadamente... Eu te conheço a tanto tempo. Eu quero te abraçar e te beijar e nunca soltar. Agora eu vejo você na minha frente e estava aqui o tempo todo, você é quem eu estou procurando. Você sempre será o melhor para mim, mas é tão difícil falar palavras simples como “eu gosto de você”. Quando estou com você me sinto uma criança, tão bobo e sorridente. Fico feliz em estar ao seu lado e pulo de felicidade toda vez em que penso que posso te olhar e ter a chance de te ver de novo, você é o meu porto seguro e morar em seus braços era onde eu queria. Em momentos difíceis sempre me ouve e está pronta a me erguer novamente, eu preciso de você hoje, eu preciso de você sempre e por inúmeras razões isso me faz querer você. É inegável que devemos ficar juntos, de alguma forma. Você é o meu sonho. Essas são as palavras do meu coração.”

Lágrimas caem em cima da carta que a fez manchar de tinta de caneta. Nunca soube que ele me amava dessa forma e eu nunca me dei conta. Agora meu mundo está desmoronado ao ver ele com outra menina.

Algumas semanas se passaram, estávamos no mesmo lugar onde sempre ficamos sentados na escola. Já sabendo de toda a verdade e depois de pensar em meus sentimentos, queria falar com ele, mas Pedro chega para mim e logo diz que estava pensando em chamar a menina para sair. Isso foi um choque de realidade, mas apesar de tudo eu queria vê-lo bem, ele parecia feliz com ela. Eu não queria estragar tudo mais uma vez por conta da minha estupidez. Eu disse para ele ir atrás de quem ele realmente amava, mesmo dizendo isso, quase me arrependendo e fico com o coração em pedacinhos. Nesse mesmo momento ele olha para mim como se quisesse dizer algo.

— Tem certeza de que quer isso mesmo? — Nunca tinha visto tanta luz em seus olhos como neste dia. A menina aparece chamando e Pedro dá um pequeno sorriso sem jeito e se levanta. No momento em que ele virou o seu rosto para ela, fecho os olhos, aperto meus lábios e começo a chorar, minha farsa de feliz se desfaz, estava tentando ser forte na frente dele, mas me sinto fraca e a qualquer momento sinto que vou desmaiar, mas me recomponho e finjo estar tudo bem. Quando o sinal toca eu me levanto e depois vou por um caminho oposto e ele para outro caminho no corredor. Eu viro para trás e vejo ele de costas se afastado cada vez mais junto da menina.

Perdi ele pra sempre, digo em pensamento.

Pedro olha para trás bem no momento em que já tinha me virado e me observa de costas seguindo. Ele abaixa a cabeça e uma lágrima escapa de seus olhos. Ele se vira novamente e continua caminhando.

Eu e Pedro continuávamos nos falando, mas agora mais por ligações. Eu nem sequer perguntava da tal garota, Pedro por outro lado pensava: *Quero continuar sendo esse menino por quem ela tem orgulho de ter por perto a ajudando nos trabalhos.*

Alguns dias se passaram e um menino da escola me chamou para sair e eu aceitei, mesmo que eu tenha percebido que não tem mais jeito e nem volta, meu coração já é todinho de Pedro, mas chegará hora de enxugar as lágrimas e não me arrepender mais. Combinamos dele me encontrar em frente à minha casa sexta a tarde. Fiquei esperando, esperando, esperando e nada dele aparecer. Eu verificava o celular a cada minuto e nada dele se comunicar comigo. Certa hora me cansei e sentei na escada da

entrada da minha casa e acabei dormindo ali mesmo. Quando sou acordada por Pedro, percebi que já era noite.

— Uau, você está tão linda! — disse ele.

— Valeu!

— Por que está no portão sozinha?

— Então... — dizia sem jeito. — Eu estou aqui fazendo hora do lado de fora porque marquei com uma pessoa, mas ele não chegou. Ai sentei aqui na calçada fingindo que sai para meus pais não sentirem pena de mim. Resumindo, levei um bolo, mas o gosto não é doce. Ah, e obrigada, você também está lindo, como sempre!

— O quê? Ele não fez isso com você... Quem é esse mané?

Eu abaixo a cabeça.

— Isso que dá, eu faço tudo errado na minha vida, eu sou um desastre, sou um péssimo ser humano, nem mereço comer mais, por que ainda me alimentam? Tonta e tola por ter percebido tarde demais que eu amava o meu melhor amigo, que algo existiu sempre dentro de mim todo esse tempo. Dizia desmoronando na frente de Pedro, que mal se deu conta de tudo que eu tinha acabado de falar.

— Aldhra!

— Oi...?

— Eu sempre te amei... O que sinto por você nunca mudou.

Ele se aproxima de mim e lágrimas descem dos seus olhos. Ele botou as mãos em meu rosto e sorriu alegremente.

— Quero estar do seu lado, mas não como sua melhor amiga, mas como a garota que pode fazer você acreditar no amor novamente. Tudo sem você é tão mais ou menos... E agora? Será que é tarde?

— Não se preocupe, apenas olhe para mim, agora você consegue ver meu coração apaixonado por você? Não estou mais com ninguém. Você sabe que sempre foi especial para mim. Eu apenas preferi não acabar com a nossa amizade e poder continuar te vendo. Eu não fui capaz de seguir em frente.

Eu seguro o rosto dele e roubo um pequeno beijo, depois mais outro e mais outro. Depois ele me segura de verdade e assim me dá um beijo mais duradouro. Levamos na bagagem a história do nosso amor.





APRESENTAMOS O POEMA
RAINHA MULHER

Por Emanoely Santos

Sobre a autora: Emanoely de Jesus dos Santos, nasceu no dia 16 de janeiro de 2003 em Turirana na cidade de Apicum-Açu no interior do Maranhão e desde pequena amou livros e teve o sonho de escrever, foi então que em 2018 foi morar em São Luís e cursou o ensino médio no Iema, foi então que a jovem teve a oportunidade de participar de feiras, eventos e concursos literários que incentivaram o seu desenvolvimento na "Arte de escrever", desde então ela se destacou vencendo concursos literários e tendo seus poemas publicados. Emanoely sempre destacou que o que motiva ela a escrever é o grande sonho de transformar o mundo por meio da escrita através do dom que ela acredita que Deus o concedeu.

Rainha mulher

Ela é força e coragem da resiliência da vida

Ela é a inspiração e motivação dos sonhos

Ela é a mulher.

Ela é a rainha do castelo que beleza a mesma possui

E que suave é sua voz, sua coragem é admirável

Seu sorriso é o remédio dos dias de tristeza

E sua existência é um presente.

Ela a chama de vó, Ele de biza

Nós o chamamos de tia, Mas eu a chamo de mãe.

Mãe, que som suave e que pronuncia bela

Que ser extraordinário é ela.





APRESENTAMOS O CONTO
LÂMPADA MÁGICA

Por Gabriel Machado Saccilotto Freitas

Sobre o autor: Gabriel Machado Saccilotto Freitas nasceu em 17 de novembro de 1998 no Rio Grande do Sul. É historiador, estudante de direito, fascinado desde pequeno pelos clássicos da literatura mundial, o menino cresceu instruído por sua mãe na leitura, sendo autor de um site, é fascinado pelos gêneros: terror, ficção científica e realismo. Semanalmente traz um novo texto em seu blog. <https://tocomvontadedescrever.blogspot.com>

Passei muitos dias, semanas e até meses, avançando em meio ao mar agitado, terras desertas, florestas densas e ambientes que apresenta temperaturas extremas abaixo de zero, até que por intermédio de um mapa, obtive um sinal provavelmente divino que estaria no caminho certo, recorde que seguindo uma trilha no meio do mato fechado, respirei fundo, enquanto me alongava. Pois, era bastante árduo carregar cerca de trinta quilos de equipamentos comigo, e como investi nessa ideia sozinho, seria minha principal odisseia.

Com meu facão, cortava e desse modo conseguia entrar de forma gradativa na floresta, caminhando cerca de meia hora, avistei um lugar exótico, grande, todo coberto de dourado, em cima de um altar cilíndrico, eu encontrei um objeto similar com uma lâmpada mágica, coberta com teia e poeira, deveria estar ali há muitas décadas ou séculos. Caminhei devagar, eufórico, aquilo realmente deveria ser o que tanto busquei, demandando grande parcela da minha economia e de anos da minha vida, que aproveitaram o tempo em que amadureci durante a busca que iniciei há três anos, agora, pude chegar ao seu final.

Peguei o objeto, minhas mãos tremiam como se estivesse com muito frio ou portador de alguma doença desconhecida, não era nervosismo, talvez sim, mas tentava ao máximo esconder que fosse reproduzido e passível de ser identificado por qualquer pessoa. Passei um pano ao redor do item "mágico" com o objetivo de limpá-lo, todavia, acredito que passei muito forte, e do nada, em questão de segundos.

O ambiente foi tomado por uma fumaça enorme e densa, sendo impossível observar fora dela, através ou dentro, se assemelhava com uma parede robusta, foi surpreendido por um senhor com traço árabe revelar para mim que era um gênio, e teria a possibilidade de um desejo, o indaguei se não seriam três na realidade, fui ressaltado que essa informação era imprecisa, teria sido fruto da literatura, as mil e uma noites. Fiquei boquiaberto, porque tinha estudado e me programado para mais de um pedido, fui tomado por outra revelação que me abalou, não poderia escolher nada, apenas teria acesso ao meu maior sonho.

Abaixei a cabeça, coloquei a mão no queixo, será que eu conhecia qual era o grande desejo? Fiquei refletindo por questão de longos minutos que pareciam horas, e o gênio me encarando, informando que seria melhor solicitar o que eu gostaria mesmo sem

saber, pois caso me alongasse demais, ficaria sem o que gostaria. Respondi apenas que SIM! Mandou-me fechar os olhos, quando retornasse abrisse, iria conhecer a minha grande aspiração interna e domeu coração. Pensava.

Quando abri os olhos, despertei ao lado de uma bela mulher morena, com cabelo cacheado, agora entendi o que o gênio me falou, não era dinheiro, sucesso ou status que almejava, tudo o que gostaria de fato era ter alguém para amar de forma recíproca, o seu rosto exuberante, olhos castanhos, não apenas tirou meu sono, como fez eu perceber que a partir daquele momento, me tornei o homem mais feliz do mundo, observei no meu dedo quanto no dela, ambos já estávamos com anel, ou seja, poderia iniciar o meu segundo desejo, ter início a minha própria família, e olhando ao seu pescoço, e nem digo sobre suas belas curvas, pois Deus abençoou ela muito bem, notei um colar exibindo que somos da mesma religião. Finalmente encontrei a paz que tanto busquei, Samara, tocou meus lábios, e pude sentir o verdadeiro sentimento do amor, constatei uma sensação estranha no interior, o coração batendo mais forte!





APRESENTAMOS O CONTO
CARTA DE AMOR

Por Gabriel Machado Saccilotto Freitas

Sobre o autor: Gabriel Machado Saccilotto Freitas nasceu em 17 de novembro de 1998 no Rio Grande do Sul. É historiador, estudante de direito, fascinado desde pequeno pelos clássicos da literatura mundial, o menino cresceu instruído por sua mãe na leitura, sendo autor de um site, é fascinado pelos gêneros: terror, ficção científica e realismo. Semanalmente traz um novo texto em seu blog. <https://tocomvontadedescrever.blogspot.com>

Pensei ter chegado atrasado naquela palestra na faculdade, para a minha sorte ainda não tinha começado. Antes de sentar-se reparei em uma bela mulher, jovial, mas não foi a parte física que me atraiu nela, mas no que diz relação a sua beleza interna (intelectual), pois notei, enquanto ela esperava iniciar o evento, lia uma obra, que examinando melhor a capa após ela fechar para checar o seu celular, notei que era o grande clássico nacional, Dom Casmurro, nesse instante verifiquei que tinha que falar com ela.

Após cerca de duas horas, terminou, fui logo ao seu encontro, me apresentei de forma rápida, debatemos de forma breve sobre literatura, mas era difícil me concentrar nas suas palavras, enquanto de forma indireta contemplava ela. Morena; cabelo cacheado; olhos castanhos; pelo jeito que utilizava diferentes termos na conversa, observei que apresenta um vocabulário bastante rico; pelo seu colar, presumi que apresentava bons princípios e provavelmente somos da mesma religião. Ela comentou que estava quase na hora de uma aula prática, pois como estuda Medicina, isso é uma parte essencial. *não irei negar, que adorei conhecê-la, dessa forma seria quase um delito capital, perder a oportunidade de solicitar o número de tão bela dama... Assim pensou.*

Dessa forma solicitei o seu contato, como estava apressada, me falou o seu Instagram, quando entrei nela descobri o seu nome, acredito que pelo nervosismo inicial, fez eu esquecer de uma indagação bastante relevante em qualquer conversa. Constava como Grace, analisando seu perfil melhor, notei que tinha uma queda por boa literatura, principalmente aquelas que discorrem sobre as mazelas da epopeia humana, nos moldes das obras russas, kaftiano, e o seu autor favorito nacional, Machado de Assis, o que descobri ao longo das nossas conversas, que grande parte era sobre literatura, estudos e sobre a vida.

Quase um mês depois de a gente se conhecer, tinha lido uma obra muito boa (Guerra e Paz), e um trecho me lembrou bastante dela, por essa razão, recordo que enviei a mensagem, notei que gostou, em seguida mandou a seguinte indagação: – "Quer me conquistar com um galanteio de guerra e paz?", e como era esperado respondi que sim, e de forma indireta e sintetizada

expliquei a razão para essa mensagem. Naquele dia, defino que as coisas entre nós passamos a ter outra fase, pois há interesse entre ambos.

O nosso primeiro encontro foi bastante interessante e curioso, pois até então, ninguém tinha medido o meu pulso, explicado sobre os ossos da minha perna, nós de forma indireta termos adentrado em uma conversa profunda sobre literatura, coisas que desconhecíamos um do outro, mas a melhor parte, sem dúvida é quando pude aproveitar o nosso cupom, e saborear aqueles doces lábios que despertavam as mais belas emoções e sentimentos sobre mim, e foi uma experiência marcante para ambos. Um momento engraçado, foi quando ela registrou fotos daquele momento, depois observando se ficaram boas, disse que nós parecíamos muito casal, abraçados, de mãos dadas, nos moldes dos filmes de romance.

Outro dia memorável, foi no décimo encontro, quando a convidei para irmos próximo da ponte JK para um momento agradável, juntos, ainda mais com a visão do lago de fundo, mesmo que tenha sido elaborado por um arquiteto famoso, não chega aos pés da beleza da minha Grace. Enquanto estava dirigindo, solicitei para ela colocar no spotify, como estava no aleatório tocou Coldplay. Caminhávamos de mãos dadas, até estava um pouco de sol, e algumas nuvens no céu, ninguém esperava que após uma breve fração de minutos teria início uma forte chuva, como estacionei perto, não chegamos a nós molharmos muito. Dessa maneira, como seria mais confortável para os dois, ficamos no banco de trás.

Como não chovia pouco, decidimos esperar reduzir um pouco para o retorno. Acredito que ela nem imaginava, que tinha elaborado uma surpresa para ela, pedi para ela ficar de olhos fechados e abrir as mãos, ela ficou um pouco receosa, mas cumpriu. Quando abriu os olhos, notou uma caixa preta, com uma fita azul-bebê. Notei que ficou bastante surpresa e curiosa, quando abriu, seu rosto foi tomado por uma intensa felicidade, no momento me abraçou bem forte e me beijou, correspondi é claro. Para sua surpresa, havia dado de presente um livro de contos do seu escritor preferido, uma carta e outra caixa, pedi para ela abrir apenas após ler o que dizia no fragmento textual.

PONTE INDESTRUTÍVEL

Cara, Grace.

Sabe muito bem o quanto gosto de você, você é uma mulher incrível, inteligente, culta, fofa, cheirosa, atenciosa, prestativa, gentil, sensacional, exuberante, romântica, observadora, leva as coisas a sério, gosto do seu jeito de desejar olhar as pessoas no olho (notar melhor fatos, que passam despercebidos), firme em suas convicções (um dos fatores que me cativou), extraordinária, excêntrica, e simplesmente aquela pessoa que independentemente de como você esteja naquele dia determinado, consegue facilmente me trazer paz e, ao mesmo tempo, felicidade. Não desejo me alongar muito, saiba que considero você uma biblioteca da antiguidade. Embora não comentei, sua escrita me fascina, de forma indireta elaborou uma poesia que meconquistou.

Notei que ela respirava fundo e lia pausadamente, mas o que chamou nossa atenção, foi quando começou um solo bastante alto e intenso de guitarra oriundo do celular, identifiquei que era a melodia o universo ao nosso favor da banda Charlie Brown Jr. Pensei.

Você sabe muito bem que nós combinamos por inúmeras razões, por esse motivo: permita fazer da sua vida uma obra do Kafka, mas o oposto; elaborar em seu coração uma obra tão monumental quanto o livro Em busca do tempo perdido; que possa te cativar tanto quanto o enredo de Crime e Castigo, obras que tangencia o realismo Machadoiano intrínseco na sua vida, e permita te deixar eternizada em uma obra como Liev Tolstói fez no grande romance Anna Kariênina. Que possa ser uma biblioteca para nos momentos de angústia, tristeza, raiva; possa me tornar o seu porto seguro. Mesmo com discussões (que isso faz parte em qualquer relacionamento não irá mudar nosso status), te abraçar quando estiver triste e sentir aquela sensação de ter o mundo nas mãos. Saiba que você foi uma das melhores coisas que aconteceu na vida, e desejo não ser mais alguém que se relacionou contigo, mas que fará você feliz e se sentir a mulher mais feliz do mundo, pois como comentou uma vez, sou fofo, me autorize te surpreender bem mais nesse aspecto!

Você me lembra quando vamos à livraria, olhando nas estantes encontramos um livro que a capa nos cativa, e após ler as primeiras páginas, reflete ter encontrado a obra certa para a vida!

Nesse momento, virou a página. Notou um pequeno fragmento. Impossível não incluir o seu belo sorriso, combinado com seu cabelo faz eu mostrar meu sorriso para a doce mulher que inspirou esse texto, adoro quando no início da nossa relação, conversamos muitas vezes por ligação de vídeo e era possível contemplar sua beleza enquanto você sorria. Enfim, não desejo me alongar muito. Após ler o convite final, pode abrir a caixa!

“Estar vivo é apenas uma fase em que todos nós estamos passando; Mas eu gostaria de passar por isso com você!” – Mike Skwark

Após terminar de ler, olhou para minha mim, em especial para a minha mão, pois percebeu que estava tremendo muito, mas não era pelo frio, pois todas as janelas estavam fechadas. Acredito que isso ocorreu por conta de um misto entre nervosismo e ansiedade com a reação dela com a carta. Ela me abraçou novamente e comentou que adorou a carta, principalmente as referências, ficamos deitados, enquanto de forma carinhosa alisava sua macia pele e rosto, até que disse que gostaria de me recompensar de como fiz ela se sentir com um longo beijo, pedi para ela se deitar no meu colo. Havia passado longos minutos, mas que eram horas, tirando seu batom, e demonstrando o método mais doce de amor possível entre um jovem casal, até que naquela situação, pedi para ela colocar uma bala na boca, e assim continuamos nessa brincadeira, todavia, por conta do tamanho com o decorrer do tempo acabei engolindo.

Ela foi tomada por um riso longo da situação nada esperada, nos sentamos, ela pegou água para eu beber, bebi, entreguei para ela, que naquela altura também estava com sede, tomou o último gole. Após fazer uma cantada elogiando sua beleza, ela disse que eu sou bastante galanteador, e me indagou já tinha usado com outras, apenas a respondi que tinha desenvolvido uma inteligência artificial no computador para realizar esse teste. Grace, disse: "foi a melhor resposta que já recebi até agora".





APRESENTAMOS O CONTO
LÂMPADA MÁGICA

Por Gabriel Machado Saccilotto Freitas

Sobre o autor: Gabriel Machado Saccilotto Freitas nasceu em 17 de novembro de 1998 no Rio Grande do Sul. É historiador, estudante de direito, fascinado desde pequeno pelos clássicos da literatura mundial, o menino cresceu instruído por sua mãe na leitura, sendo autor de um site, é fascinado pelos gêneros: terror, ficção científica e realismo. Semanalmente traz um novo texto em seu blog. <https://tocomvontadededescrever.blogspot.com>

Passei muitos dias, semanas e até meses, avançando em meio ao mar agitado, terras desertas, florestas densas e ambientes que apresenta temperaturas extremas abaixo de zero, até que por intermédio de um mapa, obtive um sinal provavelmente divino que estaria no caminho certo, recorde que seguindo uma trilha no meio do mato fechado, respirei fundo, enquanto me alongava. Pois, era bastante árduo carregar cerca de trinta quilos de equipamentos comigo, e como investi nessa ideia sozinho, seria minha principal odisseia.

Com meu facão, cortava e desse modo conseguia entrar de forma gradativa na floresta, caminhando cerca de meia hora, avistei um lugar exótico, grande, todo coberto de dourado, em cima de um altar cilíndrico, eu encontrei um objeto similar com uma lâmpada mágica, coberta com teia e poeira, deveria estar ali há muitas décadas ou séculos. Caminhei devagar, eufórico, aquilo realmente deveria ser o que tanto busquei, demandando grande parcela da minha economia e de anos da minha vida, que aproveitaram o tempo em que amadureci durante a busca que iniciei há três anos, agora, pude chegar ao seu final.

Peguei o objeto, minhas mãos tremiam como se estivesse com muito frio ou portador de alguma doença desconhecida, não era nervosismo, talvez sim, mas tentava ao máximo esconder que fosse reproduzido e passível de ser identificado por qualquer pessoa. Passei um pano ao redor do item "mágico" com o objetivo de limpá-lo, todavia, acredito que passei muito forte, e do nada, em questão de segundos.

O ambiente foi tomado por uma fumaça enorme e densa, sendo impossível observar fora dela, através ou dentro, se assemelhava com uma parede robusta, foi surpreso por um senhor com traço árabe revelar para mim que era um gênio, e teria a possibilidade de um desejo, o indaguei se não seriam três na realidade, fui ressaltado que essa informação era imprecisa, teria sido fruto da literatura, as mil e uma noites. Fiquei boquiaberto, porque tinha estudado e me programado para mais de um pedido, fui tomado por outra revelação que me abalou, não poderia escolher nada, apenas teria acesso ao meu maior sonho.

Abaixei a cabeça, coloquei a mão no queixo, será que eu conhecia qual era o grande desejo? Fiquei refletindo por questão de longos minutos que pareciam horas, e o gênio me encarando, informando que seria melhor solicitaro que eu gostaria mesmo sem

saber, pois caso me alongasse demais, ficaria sem o que gostaria. Respondi apenas que SIM! Mandou-me fechar os olhos, quando retornasse abrisse, iria conhecer a minha grande aspiração interna e domeu coração. Pensava.

Quando abri os olhos, despertei ao lado de uma bela mulher morena, com cabelo cacheado, agora entendi o que o gênio me falou, não era dinheiro, sucesso ou status que almejava, tudo o que gostaria de fato era ter alguém para amar de forma recíproca, o seu rosto exuberante, olhos castanhos, não apenas tirou meu sono, como fez eu perceber que a partir daquele momento, me tornei o homem mais feliz do mundo, observei no meu dedo quanto no dela, ambos já estávamos com anel, ou seja, poderia iniciar o meu segundo desejo, ter início a minha própria família, e olhando ao seu pescoço, e nem digo sobre suas belas curvas, pois Deus abençoou ela muito bem, notei um colar exibindo que somos da mesma religião. Finalmente encontrei a paz que tanto busquei, Samara, tocou meus lábios, e pude sentir o verdadeiro sentimento do amor, constatei uma sensação estranha no interior, o coração batendo mais forte!





APRESENTAMOS O CONTO
APARTAMENTO 104

Por Gilson Salomão Pessôa

Sobre o autor: Gilson Salomão Pessôa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

Edgar terminou a sua mudança numa tarde de sábado. O lugar era pequeno, mas confortável. Tinha pouca bagagem. Quarto e sala, com um banheiro e uma cozinha diminuta. Alguns móveis, TV e o computador. Na verdade ele não se importava com nada daquilo, só queria deitar em sua cama e temporariamente esquecer a própria existência.

Não conseguia esquecer o seu recente divórcio, por conta de sua constante depressão e os remédios receitados pelo seu neurologista que inadvertidamente lhe causaram uma espécie de castração química. Não conseguia pensar em nada que levantasse o seu espírito. Só queria ficar um tempo deitado e esvaziar a própria mente.

Formado em Letras, dava aulas em uma pequena escola municipal, mas estava de licença médica. O celular tocou. Era Raul, professor de Geografia na mesma escola. Deixou tocar, não tinha ânimo para atender. Só conseguia pensar na ex-mulher e os bons momentos que agora estavam presos no passado e nunca mais retornariam. Estava sem chão, sem ânimo para comer, beber ou tomar banho. Tinha perdido a noção do tempo quando a campainha tocou. Achou estranho porque ainda não tinha passado o seu novo endereço para ninguém, mas mesmo assim resolveu abrir a porta.

Do lado de fora estava uma linda mulher de olhos verdes, uma peruca ruiva comprida e lisa, corpo bem definido, coxas torneadas e seios fartos. Era um pouco menor que ele.

— Boa noite! Me chamo Krystal. — disse ela estendendo a mão. — Eu sou sua vizinha e trabalho como garota de programa. Percebi que você se mudou recentemente e achei justo te informar que de vez em quando o trânsito fica meio movimentado nesse corredor, por razões óbvias né?

Ele sorriu e ele repetiu o gesto, meio sem graça .

— De vez em quando o bicho pega e as coisas ficam meio barulhentas, espero que você não se incomode.

— Eu sinceramente não sei como responder a essa afirmação.

— Eu compenso você pelo incômodo. — disse ela piscando para ele de forma insinuante.

— Eu estou ficando realmente desconfortável com essa conversa. Não se incomode comigo. Está tudo bem.

Fechou a porta enquanto se perguntava se aquela conversa tinha realmente acontecido. Deitou-se no sofá e ficou olhando o vazio por alguns minutos até a campainha tocar novamente. Era a mesma garota, agora com cabelo curto azul celeste.

— Me desculpe, acho que passei a impressão errada.

— Não tem problema. Não prestei atenção.

— Tem problema sim, porque eu não sou daquele jeito. Eu me apresentei meio que no piloto automático. Era um personagem, por assim dizer. Não quero que você pense que a sua vizinha é um tipo de piranha vagabunda.

— acredite, moça. Eu não estava pensando nada. Nada mesmo.

— Meu verdadeiro nome é Kátia. Kátia Flores.

— Edgar Paranhos.

— Eu sou garota de programa, acho que você já percebeu.

— Sim.

— E você?

— Eu estou afastado pelo INSS. Depressão. Sou professor.

— Ah, ok — disse ela sem saber o que responder. Foi indo embora e antes de entrar em seu apartamento disse: — Se precisar de alguma coisa é só me falar. O pessoal aqui nesse andar tem preconceito e não conversa comigo. Na verdade, sou bastante solitária. Entrou com a cabeça baixa e fechou a porta, deixando o corredor do andar com um silêncio bastante constrangedor. Ele entrou em sua casa, sentou-se no sofá e depois de um tempo escreveu um bilhete que deslizou por debaixo da porta da moça.

No dia seguinte Kátia percebeu um pedaço de papel no chão enquanto tomava café. Seu gato Tobias brincava com ele, por isso estava um pouco rasgado. Já ia jogar no lixo quando percebeu que algo estava escrito nele:

"Bom dia. Gostei de conhecer você. Sou tímido. Estou passando por uma fase ruim e não gosto de ficar sozinho. Fique à vontade para me visitar quando quiser.

Atenciosamente,

Edgar"

Assim que terminou de ler, ela sorriu, mudou de roupa e foi convidar seu vizinho para tomar um café. Este tinha dormido cedo pois estava desanimado demais para fazer qualquer coisa. A amizade entre eles pode fluir naturalmente, já que nenhum deles cogitava sexo ou relacionamento. Assistiam a filmes e faziam refeições juntos. A união se revelou saudável para ambos e embora tudo parecesse bem, o professor começou a ficar incomodado com a ocupação da moça. Não era ciúmes nem machismo. Ele ficava chateado porque achava que ela tinha potencial para fazer algo mais especial, seguindo a sua linha de raciocínio. Tinha medo dela se ofender e se afastar dele, por isso aguentou tanto o quanto pode. Estavam sentados em seu sofá um dia quando finalmente ele disse:

— Estava querendo te perguntar uma coisa, mas tenho medo de te chatear.

— Engraçado, estava querendo te perguntar algo também.

— E agora? Quem pergunta primeiro?

— Sei lá. Tanto faz. Pode começar.

— Você gosta do seu emprego?

— Caraca, era exatamente o que eu ia te perguntar! Tinha medo que você se ofendesse! Demorei um tempão para tomar coragem.

— Que loucura! Eu também!

Ambos ficaram um tempo em silêncio. Na verdade, nunca tinham parado para refletir. Ela gostava de sexo e não via problema em ganhar dinheiro com isso, mas a bem da verdade já estava ficando cansada de tantos clientes escrotos que a tratavam como lixo. Raramente acabava pegando algum menos asqueroso. Além disso no fundo ela tinha vontade de formar uma família, trabalhando como atriz ou cantora numa casa de shows. Os anos foram passando e ela se acomodou, pois tinha a vantagem de fazer os próprios horários e cobrar o quanto quisesse. Mais quais seriam realmente suas opções? Será que ela tinha alguma? Não se sentia capacitada para mais nada além daquilo e ficou muito triste quando percebeu isso. Levantou-se e foi embora chorando sem dizer nada.

Edgar se sentiu péssimo porque achou que não tinha o direito de perguntar algo tão pessoal. Cada lágrima dela doeu como um espinho perfurando a sua alma. Sentiu seu

corpo franzino se tornar ainda mais insignificante. Foi então que ele percebeu o tamanho do carinho que sentia por Kátia. Não sabia dizer se era amizade ou amor. Só sabia que a queria em sua vida, dividindo opiniões, choros e risadas. Tinha vontade de colocá-la em seu colo e protegê-la de todos os males do mundo, beijando a sua testa e embalando o seu sono.

O castramento químico permitiu que ele a enxergasse além dos arquétipos sociais e isso eliminou a óbvia atração física que provavelmente acabaria nublando o seu julgamento. Por fim refletiu sobre o que ela ia lhe perguntar. O trabalho de professor era realmente satisfatório para ele? Seu psiquiatra tinha dito sobre o seu sentimento de inadequação ao contexto em que se encontrava.

Filho único, teve uma infância solitária, já que sua timidez sempre impediu que ele tivesse muitos amigos. Cresceu lendo livros e com eles construiu o seu universo. Conheceu a sua primeira e única namorada (que mais tarde se tornaria sua esposa) na faculdade. De certa forma tinha colocado a sua vida no piloto automático, aceitando as dificuldades, sem paixões nem experiências que lhe trouxessem uma nova perspectiva. Nunca tinha tomado nem um gole de cerveja, fumado um cigarro, andado de bicicleta em alta velocidade ou nadado em cachoeira. Sua vida até então fora seca e insossa. Nunca correu nenhum risco e isso o frustrava profundamente, só não tinha percebido isso até aquele momento.

Decidiu então tomar a atitude mais arriscada que podia conceber: abandonou todos os ansiolíticos que estava tomando e foi bater na porta de sua vizinha, a fim de expor toda a sua vulnerabilidade e seus sentimentos por ela. A princípio estava bastante confiante, depois ficou um pouco apreensivo, mas não recuou. Marchou em direção à porta da moça, tocou a campainha, mas ninguém atendeu.

Os dias se passaram e ele não a viu mais. Seus clientes deixaram de aparecer também, o que era bastante estranho. Estaria ela procurando emprego? Isso seria bacana. Sentiu-se um pouco responsável por essa possibilidade e ficou um pouco excitado ao pensar que sua opinião importava tanto para ela. Certamente ela já tinha considerado isso antes, mas porque agora era diferente? Por causa dele? Será que a afetividade era mútua? Sentiu então um princípio de ereção em sua cueca. Mas aí ele viu que precisava mudar também, era uma rua de mão dupla, não adianta se somente uma das partes caminhar nesse sentido.

Tomou remédios para incrementar a sua testosterona, começou a fazer caminhadas e exercícios. Sentia-se renovado graças a uma pessoa que conhecia muito pouco, mas isso não fazia diferença. Ela fez com que ele percebesse que poderia ser uma pessoa melhor, se tivesse disciplina, esforço e dedicação. Aquela mulher, apenas com a sua simpatia e humildade, tinha lhe dado o melhor tratamento para o seu problema. Estava curado, mas não queria voltar a dar aulas. Começou a fazer um curso de gastronomia e descobriu o seu dom. Progressivamente foi evoluindo até se tornar o chef de um restaurante famoso. Estava feliz, tinha começado a namorar uma garçonete, mas nunca tinha se esquecido da sua musa inspiradora, que subitamente tinha desaparecido de sua vida.

Certo dia estava em sua rotina feliz quando viu ela entrar em seu restaurante, acompanhada de um homem distinto com um bebê no colo. Foi então que ele percebeu o que havia acontecido. Na noite de sua epifania, Kássia foi chorando para o bar e lá encontrou um milionário. Começou a namorar e eventualmente se casaram. Edgar sentiu um soco no peito que fez com que ele soltasse a concha que estava segurando. Na verdade, não existe uma fórmula matemática para resolver os problemas. Algumas pessoas alcançam o bem-estar pelo esforço, outras simplesmente acham um atalho. De uma maneira ou de outra, ela tinha lhe dado exatamente o que precisava. Caprichou no prato daquela mesa e disse à sua namorada, que se chamava Nina e era sua vizinha no andar de cima:

— Esse pedido é por minha conta.

— Por quê?

— Mais tarde eu te explico. É uma longa e estranha história — respondeu ele com um sorriso no canto da boca.





APRESENTAMOS O POEMA

INQUIETUDES

Por Bel Wells

Sobre a autora: Professora do Ensino Fundamental e Infantil, nasceu em Juiz de Fora, MG e aos 6 anos se mudou para São Paulo. O desejo de escrever poesia surgiu aos 13 anos, onde compartilhava seus poemas na biblioteca da escola. A elevação de pensamento, as admiráveis leis do universo e a existência humana são temas sempre presentes em suas criações.

Desde o ano de 2020, alguns de seus poemas foram selecionados e publicados em diversas antologias.

Atualmente reside em Mogi das Cruzes, SP.

Escreve...

E ao Pai dos ventos, pede
Para tua letra tocar...

Rima...

E com o sol combina
A boa palavra iluminar

Emociona...

Quando a mensagem que soma
De braços abertos vem te encontrar.

Saiba...

Que sua passagem pela terra
É só uma página a completar

Escolhe...

Corrigir teus passos em Verso
Para o livro do grande Universo

Acredita...

Que o silêncio, é um grande mestre
Suave em tudo que dita

Promete...

Prosseguir nas lições das virtudes
Em suas poéticas Inquietudes.





APRESENTAMOS O POEMA

MÁGICA

Por Idicampos

Sobre o autor: Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: "Todo mundo gosta de ler, basta lê o que gosta". Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Abracadabra!
um passo de mágica
flagrei o meu rosto
no teu olhar
era uma semente
germinando
no chão
suado do bar
o toque pertinente
dos nossos corpos
embalavam a melodia
de um dia propício
ao nascimento
de um grande amor...





APRESENTAMOS O CONTO

A IMPERFEITA

Por M. Braz

Sobre a autora: Paulista, mas carioca por adoção, cursou medicina, optando pela saúde mental. Inquieta, sempre manteve aberta outras opções. Escreveu dezenas de artigos e capítulos de livros dedicados à psicanálise e ética. Doutora em Ciências, professorou e pesquisou nessas áreas, mas seu amor pela literatura nunca foi deixado de lado. Leitora de romances, poesias e contos, hoje, dedicada aos escritos de contos e com romance em produção.

Penélope, esposa de Odisseu, assim sou conhecida. Famosa na Grécia Antiga, alguns maldosos dizem que é pelo meu ardiloso e estrategista marido. Outros atribuem a perpétua fama a minha fidelidade, obediência, modéstia, sensatez e inteligência e, no futuro, dirão que fui uma tola. Cada um de vocês poderá tirar suas conclusões a partir da minha própria voz, nunca ouvida.

De pronto, lhes digo que coube-me um papel nada secundário nesta epopeia, onde louvaram-se os feitos e as desventuras de Odisseu ou Ulisses, como preferem alguns, entre a briga com Poseidon e a proteção de Atena.

Cada evento chegava-me através dos tripulantes dos navios que aportavam em Itaca, meu reino e do herói. Sabia da vitória dos gregos sobre os troianos, a destruição de Tróia. Ouvi sobre a matança dos seus habitantes e de como o sangue maculou as belas ruas da opulenta cidade. Contaram-me que estive refém de Calisto, uma deusa-ninfa de rara beleza, como Helena, minha prima e causadora de toda a desgraça de Odisseu, dos troianos e também de centenas de gregos. Os menestréis cantavam que a divindade ofereceu até a imortalidade, mas ele a tudo recusou, preferindo a mim, a imperfeita, num discurso celebrizado pelos ouvintes e repassado, de imediato. Preferiu aquela que não era tão bela, mas inteligente, a que envelheceria e se restaria cheia de rugas, de boca murcha e cabelos ralos. Sua maior opção, entretanto, foi pela morte do que a vastidão tediosa da imortalidade, onde não há presságios, nem infortúnios, doenças, fome, guerras e decadência. Escolheu, sem hesitar a força do acaso, a aventura, a paixão, a luta e o desespero que precede o alívio, a paz, a esperança. Seu desejo de voltar não era só para Itaca, mas, para os meus abraços ainda apaixonados.

A epopeia, porém, não foi só a dele. A minha não menos difícil ou com menores obstáculos. Aqui fiquei recém casada com um bebê nos braços e com apenas 15 anos. Uma criança com o dever de cuidar de um reino. Durante dez anos me alimentei das notícias conflitantes que chegavam.

Eu permaneci governando, aumentando as riquezas do meu amado, querendo provar-lhe o quanto era admirável nos negócios, mãe prestimosa ao cuidar de Telêmaco, nosso filho. Quando a guerra acabou, Odisseu não voltou como os outros. Até Menelau retornou, trazendo aquela vadia de volta, Helena. Comecei a ser assediada, por inúmeros pretendentes, após dezessete anos passados sem nada que provasse estar Odisseu vivo. Aos poucos eles foram infestando o palácio, com festas diárias, comendo e bebendo as custas do reino, dilapidando nossa fortuna. Eu tentava resistir ao avanço, mas estava

sozinha. Mulher, talvez viúva e frágil. Inventei a tessitura de uma mortalha para meu sogro Laertes. Prometi, aos indesejáveis e ambiciosos cortejadores a obter meus bens através do casamento, que só me casaria após terminar o bordado.

Eu tecia de dia e destecia à noite. Uma escrava me denunciou. Foi terrível, pois havia conseguido passar três anos enganando os pretendentes, me mantendo fiel ao meu amor. Aqueles homens eram uns míseros grãos frente ao colossal Odisseu. Ele me ensinou a amá-lo, a desejá-lo com frequência em nosso leito de dossel. Aprendi a usufruir do êxtase da vida quando o frêmito incontrolável chegava pelo caminho mais profundo, numa entrega absoluta ao homem, tão ousado em suas investidas noturnas.

Como ficar vinte anos à espera?

Uma noite em estado de quase furor de um desejo incontrolável, clamei a Afrodite que me acalmasse. Ela atendeu minhas preces ao me enviar Odisseu de volta. Teve que provar que ele, um mendigo, era meu amado. Se escondeu, andrajosamente, para observar de perto e colocar seu plano de aniquilar os pretendentes em ação.

Venceu a prova, os rivais e como troféu, a sua Penélope, inteira e ardente de saudade. Penetrou no quarto, passou suas mãos pelo meu rosto, deslizou pela túnica transparente que vestia para dormir, mal cobrindo meu corpo nu. Com os dedos, desceu as alças até a veste cair ao chão, me expondo e, tremia. Me beijou com seus lábios carnudos e macios e, em seguida, os deslizou por toda a pele, seios, ancas, virilhas, fruindo finalmente da minha gruta sedenta. Uma noite longa e luxuriante me deixou exausta e refeita. Quando acordei, o desejo se fez, de imediato, presente. Olhei para o lado e meu herói, tão másculo e terno estava ali, comigo.

Foi por tudo isto que consegui suportar a espera. Poucas mulheres na Grécia podiam dizer coisas tão maravilhosas sobre seus maridos.

Não me deixara penetrar por nenhum homem que pudesse depositar sua semente em meu ventre.

E assim foi e vivemos, como nos contos mágicos, felizes para sempre, cultuados pelos menestréis, por Homero, por todos que até hoje, me prestigiam com suas leituras divergentes.





APRESENTAMOS O CONTO
DA(S) MATERNIDADE(S)

Por Mirian Menezes de Oliveira

Sobre a autora: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras, da A.C.I.M.A – Itália, além de membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.

— Quando crescer, quero casar e ter cinco filhos! Acho bonito “família grande”! -
— suspirava a menina de treze anos, no intervalo do colégio.

— Eu, não! – dizia a outra – Não quero casar! Vou sair do país e ser uma
mulher de negócios. Filhos não estão nos meus planos.

— Já “eu” quero ter um casal. Mais do que isso é dor de cabeça! – exclamava a terceira.

As meninas nem sabiam se estes sonhos lhes pertenciam, ou se tinham origem nos discursos que herdaram... Falavam, falavam, falavam... e, com tal convicção, que, com quase certeza, os sonhos eram, originalmente, seus...

Além das outras “falas” mais “secretas”, que de tão secretas não serão citadas, frases como essas circulavam na roda de amigas. A vida era uma “porteira” aberta, para cada menina-moça!

Nas rodas de conversa, todos os sonhos cabiam... Nada de cercas, ou rótulos...

“Papel em branco”, prontinho pra ser escrito.

— Quero uma casa de praia!

— Vou morar em apartamento!

— Para mim, uma casa com quintal! As crianças vão querer ter cachorro e eu gosto de espaço.

Impressionante, como planejavam cada linha do “destino”... Começo, meio e (...) na verdade, não havia fim! Morte, então (...) nem pensar! Total era o domínio sobre cada meta traçada e as meninas teciam suas vidas em palavras...

Diálogos infundáveis, travados no pátio da escola, marcaram suas memórias... tanto que, crescidos os seios e alteradas as formas, cada moça conservou consigo os recortes daqueles momentos...

Kairós tem mania de aprontar este tipo de coisa com as pessoas: o tempo passa, tudo passa... só não passa aquilo que se elege como “imortal”. Alguém terá dito isso? Com certeza! Há um momento na vida, em que as vozes vão se misturando no interior das pessoas e a questão da autoria fica, cada vez mais, complexa.

As leituras vão se mesclando; as frases se acumulando, experiências se condensando...

Enfim...

Voltemos ao ponto inicial...

Cada menina trazia, no íntimo, as “personagens” que tinham como referências em suas vidas e o “instinto maternal” foi, com o tempo, tomando as mais diferentes proporções.

Podemos inferir que, em cada mulher, há sempre uma mãe!

Sempre?!

“Sempre” é uma palavra de peso, determinante; remete-nos aos “contos de fadas”, ao que não se altera... ao que se imortaliza... Sempre é o “quase certo”... longe de ser o final dessa história.

Na verdade, a(s) mãe(s) que habita(m) cada mulher transmuda(m) - se, assustadoramente, ao longo do percurso e com as meninas não foi diferente!

No período de “cútis macia”, confabulavam com tamanha cumplicidade que pareciam uma só pessoa; mais unidas do que irmãs de sangue e os desfechos das linhas do destino obedeciam aos desejos das meninas sonhadoras.

Era como poder escolher o “corredor da vida”, em que se iria entrar e pronto! O destino era certo!

(...)

Se *Kairós* tem o costume de alterar as rotas e provocar grandes viradas de páginas, *Chronos* também não fica atrás:

— Um café puro, por favor, e um pão na chapa também!

Enquanto aguardava, sentia-se observada, entretanto conteve a curiosidade, permanecendo apenas com as furtivas espiadas de “rabo de olho”.

— Seu café com pão, senhora!

— Muito obrigada!

No primeiro gole, teve o mistério desfeito. Olhou a moça de frente... Teve dificuldade para reconhecer a fisionomia, mas a voz lhe era muito familiar e, ao ouvir seu nome pronunciado, Brenda não teve dúvida:

— Manuela, é você?!

— Sim, Brenda! Você não mudou, menina! Reconheci-a assim que entrou!

— Deixe, disso, Manuela! Há risquinhos novos em meu rosto! (risos...) O espelho é implacável! Enfim... como está? Esse não é lá um lugar muito interessante para a gente se encontrar, mas tudo bem!

— Estou muito bem, Brenda! Vim apenas acompanhar nossa amiga Pietra. Lembra-se dela?! Somos comadres! Entrou agora, para fazer uma cesariana: gêmeos.

— Pietra... Pietra... Ah, sim! Pietra... que não queria ter filhos?!

— Para você ver como é a vida!

— Poxa! Ela chegou a sair do país!

— Sim! Morou fora por um bom tempo! Conheceu um rapaz bacana... Acabou engravidando... Alterou muitos planos, mas ainda assim, conseguiu montar seu próprio negócio (Não sem dificuldades!). Após a primeira gravidez, adorou essa coisa de ser mãe, acabou se casando com o pai da criança e, veja só: mãe de gêmeos agora...

— Uau! Três filhos!

— Parece ironia do destino, Brenda! Ela... que não queria ter filhos!

— O bom da vida é que ela nos prega surpresas, Manuela! E, no fim, acabamos refazendo toda a rota... É, no mínimo, muito interessante!

— Verdade!

— Então, você está na ala da maternidade! Que maravilha!

— Sim! Não sei se você sabe... Claro, que não! Não nos vemos há tantos anos! Eu adotei uma criança! Sou mãe de coração!

— Que lindo, Manuela! Está com quantos anos?

— Com quinze já! É meu companheiro! Amo meu filho! Formamos uma grande dupla!

— Muito bacana! Aceita um cafezinho?

— Muito obrigada, Brenda! Acabei de tomar um lanche reforçado e já vou voltar para a maternidade. Meus afilhados já estão para nascer!

— Muito lindo, isso tudo!

— Mas, Brenda... me diga uma coisa... Como você está? E a família grande? Vai me dizer que já tem netos? Seria demais!

Brenda encarou a antiga “coleguinha” com carinho e sorriu, com certa dor no olhar!

— Ah, meu Deus! Desculpe-me! Você está acompanhando alguém que se encontra na U.T.!! Eu me esqueço que aqui é hospital-maternidade! Mil desculpas!

— Desculpar-se por quê? Imagine, Manuela! Cada qual pega seu rumo e isso só nos faz crescer... Estou bem! Um pouco cansada, mas bem!

No breve silêncio, olharam-se com ternura.

— Mas, sabe, Brenda... de todas nós, sempre achei que você tinha uma “imensa” cara de mãe! A mais mãe de todas nós!

— Imensa cara de mãe?! – Brenda não conteve o riso. – Como é isso?!

— Sei lá! Não é porque queria família grande, não! Acho que você falava com tanta convicção, que seu instinto maternal aflorava... Quase todas nós possuíamos um desejo imenso de formar família, quase todas, mas... olhando agora de longe... acho que

repetíamos vozes que ouvíamos. Até hoje, pergunto-me se os meus desejos são, totalmente, meus ou são de minha mãe. (Risos...)

— Com certeza, não são só seus! Estranho tudo isso, não?! Das sete que conversavam no intervalo, somente duas se reencontraram e a terceira está prestes a dar à luz duas crianças... Tantos anos, em “poucos segundos”... Quanta “filosofia de lanchonete” no hospital-maternidade.

— Verdade, Brenda!

— Mas ainda não me disse, porque sempre me achou com uma “imensa” cara de mãe...

— Porque expressava desejo; tinha brilho nos olhos, quando falava de filhos, e a maternidade parecia fazer parte de sua alma.

— E para você, o que é ser mãe, Manuela?

— Nossa! Que pergunta! Sei lá! Acho que, independente de vida profissional, toda mulher tem um instinto materno e, durante a vida, cada uma acaba tomando seu rumo! Algumas engravidam, outras adotam, outras preferem não ter, mas cuidam de outras pessoas... outras nem podem ter, mas são mães de “todo o mundo”... Complexo!

— Mesmo assim, você acha que todas são mães?!

— Creio, firmemente, que sim!

— Legal você falar isso, Manuela! Passei minha vida toda escutando os mais diferentes conceitos sobre o que é “ser” ou “não ser” mãe... Cheguei a achar que não era. Para muitas pessoas, não sou, mesmo. Casei-me! Tentamos ter filhos, não conseguimos, entramos na fila de adoção e nossos idosos (ambas as famílias) adoeceram. Adaptamo-nos aos novos projetos e hoje somos pais de nossos pais.

— Uau!

— Resumi décadas de vida, em cinco linhas... Gostou?

— Sabe, Brenda! Gostaria de conversar mais com você! Pegue meu telefone! Está aqui! Vamos marcar um café! Reviver bons momentos, recordar velhas histórias.

— Legal, Manuela! Vamos, sim! Agora, tenho que seguir meu corredor. A noite será longa e mamãe me espera!

— Também vou seguir o meu corredor. A mamãe dos gêmeos aguarda a comadre!

— Vai, lá! Cada uma para seu corredor!

— Você vai me ligar?

— Vou, sim! Que bom encontrar você!

— Amei, Brenda! Prometa que vai ligar!

— Juro!

Brenda seguiu em frente e não olhou para trás. Hesitante, a amiga de infância fez gestos de quem queria alcançá-la e mudar de corredor. Parou, respirou, retomou a direção...





APRESENTAMOS O CONTO
ADOÇÃO EM DOBRO

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Eng^a da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras técnicas sobre Marketing e fez traduções/revisões técnicas. Lançou diversos contos, compilados em "Sonhos Fulgurantes", Amazon, 2020. Link dessa obra: <https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

Em 2021 lançou seu primeiro romance/drama "Duas Irmãs". É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília. Sua página profissional de escritor:

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033/>

Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Carolina vivia quase sempre tristonha. Não se destacava nos estudos. Não gostava de jogar com colegas nem com vizinhos – nem é preciso dizer que não tinha amigas. Via todas as suas tarefas como o mais puro aborrecimento. Havia um interesse em sua vida: cozinhar – desde uma omelete ou salada a qualquer prato levemente mais exigente ou trabalhoso. Imaginava que a vida apenas teria chateações no mundo escolar.

Corriam os anos 1970, e os estudos não eram ainda vistos com uma necessidade social para todos, de modo que em sua família já estava acertado que após completar dezoito anos ela iria começar a trabalhar. Carolina havia sido adotada quando tinha seis anos de idade por uma família maravilhosa – tendo seu passado consistido em um orfanato e sem que ninguém conhecesse seus pais biológicos.

Quando Carolina comemorou dez anos de idade, nasceu Eliane, a filha natural de seus pais adotivos. Nunca houve diferença de tratamento entre elas, sendo natural a mais velha se derreter em cuidados pela recém-chegada.

Ao ingressar na adolescência, Carolina começou a passar por uma fase difícil. Ninguém conseguia identificar a origem do problema. Nessa década, psiquiatras e psicólogos ainda constituíam uma raridade, infelizmente. Dessa forma, o que ela tinha ao seu favor era um sólido histórico de bom comportamento familiar e um coração bondoso. Sempre existem estranhos, inimigos, invejosos ou ainda pessoas que se caracterizam por seus comentários viperinos. Tais grupos a rotulavam nesse período como “perigosa”, diziam que “sempre fora meio estranha” ou ainda coisas piores.

E a própria Carolina, o que diria dela mesma? Qual seria um problema ou “o problema” aos olhos da “doente”? Uma vaga recordação da infância, de antes de ter sido adotada. Na verdade, havia um conjunto de lembranças, um nevoeiro estranho e confuso. Em que consistiam tais manchas? Em algum momento, parece que fizera algo inusitado para uma criança. Como viera a se lembrar disso anos depois? Qual o motivo de tudo isso ter vindo à tona na adolescência? Mistério!

Com o tempo, a confusão aumentou e não deixava à pobre menina saber se fizera algo realmente horrível ou se apenas eram fantasias que a acossavam! Os médicos consultados não souberam ser específicos com algum diagnóstico – especialmente pelo fato de a paciente continuar dormindo bem, o que foi visto como ausência de problemas mais sérios. Assim, não foi surpresa que os remédios não funcionassem e a única

mudança de maior peso tenha sido a recomendação de descanso. Carolina preferiu deixar os estudos até estar melhor de saúde. Os pais entenderam.

Que pesadelo! Uma adolescente sofrendo por possíveis culpas de uma criança! Como pode alguém com menos de seis anos de idade ter feito algo assim tão grave? Qual o crime que teria ela cometido? Todas as suas dúvidas a assustavam crescentemente e jamais haviam sido divididas com ninguém – até mesmo por serem vagas.

Livre das amarras da escola, coisas que jamais a haviam atraído, Carolina passou a se dedicar mais à caçula Eliane, vindo a ser uma segunda mãe, ou seja, muito mais do que uma simples irmã. Também dedicou-se mais e melhor a cozinhar. A mãe pôde retomar seu trabalho, sabendo que as filhas estavam em paz, e nunca teve motivos de queixas. Às vezes tinha dúvidas sobre o fato de confiar tantas coisas aos cuidados da mais velha seria uma forma indireta de impedir que voltasse a estudar.

Carolina, por sua vez, estava cada vez melhor. O fato de cuidar de Eliane a aliviava de suas tristes memórias – fossem reais ou imaginárias. Além disso, quanto menos se falava de escola, de estudos ou de livros, melhor a situação da filha mais velha.

Entretanto, cerca de dois meses após ter largado a escola, as recordações voltaram com força, mas Carolina continuou apavorada ante a mera hipótese de dividir com alguém essas dúvidas tão tênues que a preocupavam. Passou a cuidar ainda mais e melhor da caçula – o que a distraía.

Quando alguma coisa a afastava de Eliane, como as visitas habituais ao pediatra, Carolina era obrigada a refletir sobre sua situação. Por sorte eram poucos tais momentos de angústia, nos quais o seu lado racional a ancorava na realidade: seria possível que tivesse mesmo cometido alguma coisa seriamente reprovável antes dos seis anos de idade? Apesar de conhecer a impossibilidade de encontrar uma resposta positiva, as tristes recordações permaneciam dominando a sua pobre mente – ainda que sempre esfumaçadas.

Em uma ocasião, os espectros se tornaram tão reais que assustaram Carolina, cuja irmã estava no médico. Em sua fantasia, se encontrava ao lado dos pais, chorava por não terem comprado o brinquedo que desejara. Quando ouviu do pai um chamado para que se calasse, alguma coisa ocorrera, alguma coisa sinistra fizera, e as imagens se apagavam. Qual teria sido sua vergonhosa ação, para que as memórias a mantivessem cuidadosamente ocultas e não aflorassem?

Alguns dias adiante, Carolina conseguiu, tristemente, se recordar: tratava-se do seu próprio aniversário, por estar com raiva devido a não terem feito a tão desejada compra, apropriou-se sub-repticiamente dos fósforos que iriam acender o bolo da festa, e ateou fogo nas cortinas. Logo depois, estava aos cuidados da creche aonde fora adotada por sua família atual, enquanto que seus pais teriam sucumbido ao desastroso incêndio que teria consumido a sua casa.

Ao ter a noção do que fizera, a pobre Carolina desfaleceu e passou a enfrentar uma nova onda fragorosa de fantasmas, desfalecimentos aos quais não estava acostumada. Desnecessário dizer o quanto seus pais ficaram preocupados e o quão impotentes se viram os médicos consultados. Mais descanso significou um grande castigo à nossa adolescente, agora privada de cuidar da caçula – o que representava sua única distração.

Após cerca de dois meses neste suplício atroz, Carolina visitou o orfanato no qual vivera antes de ter sido adotada. Conversou longamente com as pessoas que dela haviam cuidado. Saiu dali com a mais absoluta certeza de que não ocorrera incêndio algum no lar paterno, de que tudo se tratava de um pesadelo ou alucinação ao qual deveria afastar com a maior prontidão possível.

Assim, da mesma forma indefinida que viera à sua mente o fogo que causara, tudo se desvaneceu. Se algo existia em seu passado, vergonhoso ou não, ainda representava um mistério. Melhorou, voltou a cozinhar e a cuidar da Eliane – restando dessa crise apenas a necessidade de um sono mais prolongado: além das oito horas noturnas, passou a descansar após o almoço, ao lado da caçula. Também ganhou um curioso medo a festas em geral, ocasiões em que se restringia a cumprimentar os aniversariantes ou noivos, retirando-se em seguida.

Aos dezessete anos, voltou a estudar, escolhendo um daqueles cursos tão práticos que simplificavam os três anos de colegial em apenas um. Apesar da insistência dos pais, não quis ingressar em nenhuma faculdade, e começou a trabalhar na cozinha de um restaurante. Brincava em casa, dizendo que era paga para fazer aquilo que tinha prazer em fazer.

Anos mais tarde, Carolina, após não ter tido um casamento feliz, voltou a morar com os pais. Pouco depois, já dona de um pequeno restaurante, adotou Fernanda, que, orgulhosamente, assumiu a posição de princesinha de toda a família. Vendo que a tia se ausentava por longas horas de casa para cuidar do negócio, Eliane – com a cumplicidade de todos – passava boa parte de seu tempo a cuidar da sobrinha.

Carolina nunca estivera tão feliz, ao ver a filha adotiva, Fernanda, comemorar seus cinco anos de idade. Vencera seus temores, pois nada do mundo a faria perder essa festa – à qual dedicou suas melhores habilidades culinárias.

Em meio à festa, Carolina começou a rir como nunca, deixando a todos gratamente surpresos. Abraçou a sobrinha e pegou Fernanda no colo, dançando abraçado a ela por incontáveis minutos.

Carolina não fez esforço algum para disfarçar; as pessoas estranharam, pois jamais a haviam visto tão feliz. Alegria demais nunca faz mal – ainda mais na festa dos cinco aninhos da Fernanda, a princesa da casa.

Horas depois, Carolina confidenciou aos pais e a uma Eliane já madura: os temores que a haviam assaltado durante a infância haviam sido vãos. Em nenhum momento ela ateara fogo nas cortinas nem fizera algo perigoso – muito menos contra seus pais.

Rememorou tudo, tintim por tintim: aos cinco anos de idade, sua mãe a deixara na creche, por não ter condições de cuidar dela, além de estar com a saúde abalada e os meses de vida contados. O primeiro dia nesse novo lar foi tétrico, compatível com as piores expectativas da vida de uma órfã. Para piorar as coisas, tal dia coincidiu com um aniversário de uma das habitantes da creche.

Então, no minuto em que ela ingressou lá, já foi apresentada ao alarmante alvoroço de uma festa, com bolos, distribuição de presentes e tudo que costuma acompanhar a alegria de todos os outros habitantes em tal evento – e que ela mesma jamais presenciara. Nada mais natural, portanto, que Carolina se visse deprimida nesse ambiente, e que, depois viesse a crescer tristonha. Sua memória a torturara durante anos misturando e confundindo tudo, ao mesmo tempo em que a culpa de ficar sozinha no mundo.





APRESENTAMOS O CONTO
O TEMPO A SEU TEMPO

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

O amanhecer ainda preservava resquícios da friagem da madrugada, por isso, sua pele arrepiou-se toda enquanto saía da pequena pousada e caminhava a passos lentos até as dunas. Inspirou o aroma do orvalho, da vegetação e da terra úmida, sentindo-se revigorado. Havia sido uma noite de sonhos tumultuados.

O corpo agradeceu, mas a mente estava ali e em outro lugar.

Era impossível ignorar a pequena urna de cerâmica em suas mãos.

Os dedos tateavam pela superfície vitrificada: pesava mais do que devia.

Subiu com certa dificuldade a duna mais próxima. Sentiu a maciez da areia segurar seus chinelos. Imaginou consigo: "É ela, o corpo dela sob meus pés".

O céu de um azul esplêndido e sem nuvens carregava promessas de um dia maravilhoso para os turistas que, breve, viriam.

— Veja, Jenie, é como você sempre sonhou — sussurrou José para o vento.

Deixou a vista perder-se pela extensão da faixa de areia lá embaixo, a rebentação em tiaras de espuma, as ondas que se formavam e o oceano que se estendia até o horizonte e mais além. O coração telegrafava em seu peito. Sentiu-se dominado tanto por emoções ambíguas quanto pelo cenário ao redor.

O frescor da brisa.

O farfalhar do mato.

A vastidão do oceano.

O profundo azul do céu.

Ilhotas perdidas ao longe.

Foi como desprender-se de seu próprio corpo e tornar-se parte daquilo feito uma pluma ou uma semente de dente-de-leão. Ah, como desejou que fosse possível tal fusão! Queria flutuar sem jamais ter de pousar. Sempre fora o sonho dele e dela conhecer o mar.

Respirou fundo.

— Finalmente, estamos aqui, Jenie.

Ambos nasceram no interior do Estado rodeados por lavoura ressequida e colinas poeirentas.

Desde crianças, Jenifer e José desejavam ver a praia de perto. Esse desejo existira bem antes de um saber da existência do outro. Ambas as famílias eram muito pobres, sem condições para empreender longas viagens, mesmo porquê, quem cuidaria da casa, dos cães, da horta e das galinhas? Cedo aprenderam o valor de cada gota de suor, de cada centavo poupado, de cada dia com comida no prato.

Enquanto Jenifer era tão agitada feito uma formiguinha, vivendo a ajudar a família e a estudar; José, mais sossegado, era do tipo que muito divagava, embora alguns dissessem que ele "devagarva".

Conheceram-se no último ano do colegial.

José logo ficara deslumbrado com Jenifer sentada a sua frente. Os cabelos dela eram castanhos, longos e ondulados, caídos sobre suas costas eretas e bronzeadas feito o mar a derreter sobre a areia. Jenifer, por seu turno, a princípio mal tomara conhecimento da existência dele, mais concentrada em assimilar as matérias do que fazer amizades.

O conhecimento surgira na forma de uma brincadeira que deixara José mais enrubescido do que uma pimenta malagueta e Jenifer quase tão indiferente quanto um bloco de gelo.

— Ei, casal jota-jota, algum de vocês tem um lápis sobrando? — dissera um sujeito metido que se achava o centro das atenções.

Todo agrupamento de gente estava destinado a ter um palerma assim. Seu único mérito fora o de fazer, finalmente, Jenifer olhar para trás. O que ela vira fora um rosto rechonchudo transformando-se pouco a pouco num tomate. O que salvara a situação fora a imagem na capa do caderno dele.

Era uma foto do mar.

— Porto de Galinhas — falara a garota.

— O quê?

— Essa foto. Porto de Galinhas. Fica em Pernambuco.

— Você conhece?

— Quem dera.

Saber que ela amava o mar somente aumentara a admiração de José por Jenifer. Fora como se um mundo, cinzento e silencioso, houvesse ganhado música e as cores do arco-íris.

Mas logo a jovem tornara a enfiar o rosto nos cadernos e livros.

— Você estuda demais, Jenie — brincara ele um dia.

Jenifer retrucara:

— Eu estudo para ter melhores condições de vida, mas não é a minha vida. Minha vida está lá fora — e apontara para além da janela da sala de aula.

José sabia que ela se referia a um lugar muito mais distante do que a rua ou o vilarejo em que viviam, um lugar dominado pela areia macia e onde havia sal nas águas luzidias.

Ele nunca desistira de amá-la, mesmo porque era algo que fugia a sua vontade. Simplesmente existia: esperançoso, melancólico, alegre e triste.

Um dia, porém, Jenifer adoecera e José se incumbira de levar-lhes as lições.

Ela o via como um colega meio tonto e atrapalhado, todavia, pouco a pouco o afeto nascera, principalmente quando, em certa ocasião, José lhe trouxera uma concha do mar de presente. Ele descobrira em uma lojinha de cacarecos e gastara todas as suas economias nela. Era velha, desbotada, mas vinha do litoral.

— É linda — dissera Jenifer, fazendo tudo valer a pena.

Era um elo direto com o mar, especialmente quando, ao aproximá-la do ouvido, escutava o som vindo de lá de dentro: hipnótico, profundo, convidativo.

— É o melhor presente que já ganhei, Zé — confessara.

E o olhar de Jenifer para ele fora igualmente a melhor coisa que José tivera na vida. Porém, não encontrara coragem de contar para ela.

Conversaram sobre um dia conhecerem o mar, catar conchas, molhar os pés, sentir a areia, experimentar o gosto da água, passear pela praia.

— Será maravilhoso — falara Jenifer.

Mas a adolescente não se recuperara, pelo contrário, sua moléstia agravara-se pouco a pouco. Numa noite, dormira para não mais despertar.

"Será maravilhoso."

Aquelas foram as últimas palavras que José ouvira de seus lábios.

Traziam promessa, esperança, futuro e alegria.

Restaram a tristeza, a desilusão e a melancolia.

Agora, lá estava José, no alto da duna, olhar fixo no horizonte.

— Finalmente, estamos aqui, Jenie — repetiu.

O vento mudou de direção e passou a seguir da terra para o mar.

José tornou a inspirar profundamente. Desejou que o tempo parasse, mas sua prece não foi atendida. Levantou-se e, segurando a urna de cerâmica, tirou-lhe a tampa. Hesitou um instante, joelhos a fraquejar. Era o fim de uma jornada. Então, ergueu-a no alto e despejou as cinzas no ar, as quais foram rapidamente levadas, parte para a praia, parte para o oceano a exemplo de um nevoeiro dissipando-se no frio da manhã.

Tomado pela emoção e no telégrafo do coração, José se despediu:

— Adeus, Jenie.

Agora, a areia macia era o corpo dela.

O céu de um azul infinito tornou-se seus olhos.

O vento carregando-a para muito longe era o seu sussurro.

As águas transformaram-se nas lágrimas por aquilo que não viveram.

O destino exibira um jeito estranho de concretizar o sonho dos dois jovens.

Como um gesto final, José agachou-se, cavou um buraco na areia da duna e lá depositou a concha que dera a Jenifer, cobrindo-a. Então, deu meia-volta e retornou para a pousada sem olhar uma vez para trás. Por mais que amasse o oceano, foi a primeira e última vez que José avistou a praia.





APRESENTAMOS O POEMA
EM TORNO DO AMOR

Por Saul Cabral Gomes Júnior

Sobre o autor: Nasceu em Belém (PA), no dia 21 de maio de 1980. Graduou-se em Letras (Licenciatura em Português e Inglês) pela Universidade da Amazônia (2001). Possui mestrado (2006) e doutorado (2011) em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Em 1998, obteve o 4º lugar no Concurso Nacional de Contos "Cidade de Araçatuba". A produção do ensaio O romance regionalista: do panorama ao perfil lhe valeu o prêmio "Carlos Nascimento", concedido pela Academia Paraense de Letras em 2002. Dois anos depois, teve uma poesia classificada no VIII Prêmio Escriba de Poesia. Em 2020, publicou Entre a História e o discurso: olhares sobre a obra de Gladstone Chaves de Melo.

Afinal de contas, pra início-fim de conversa,
o que é o Amor?

Certamente, é algo que transcende o erotismo
e culmina no Horizonte do companheirismo,
durante as noites febris e as horas sombrias.

Possivelmente, é uma paisagem que se arraiga na memória;
é a centelha Divina, em efêmera vitória,
disseminando-se nos campos do cotidiano.

Talvez o Amor seja um indício de glória,
ou a luta inglória
contra o Ego;
talvez seja as mãos do cego
tateando os contornos do Paraíso.

Talvez seja um princípio de catarse
ou a arte de calar-se
quando a linguagem se esgota
e uma Eloquência brota
da alma aberta em duradouro sorriso.

É difícil definir o Amor,
mas, nessa sede de conceituação,
erguem-se oásis de borbulhante vitalidade,
onde uma breve imensidão
nos afasta da mortalidade,
onde sorvemos a Vida superior.





APRESENTAMOS O POEMA
BOTÃO DE AMOR

Por Waléria Soares

Sobre a autora: Em São Luís nasceu e se formou em Matemática e Artes Visuais. Partiu para São Paulo, tornou-se Pedagoga, Mestra em Matemática e Doutora em Ensino de Ciências e Matemática. Retornou a sua terra natal. Ela é o que leu e lhe cativou, é razão e emoção. Ela é poesia.

Desliga o seu botão de amor
Que ao me aproximar posso tocar
Estou tentando resistir
Ao desejo de me entregar

Vai ser difícil não me envolver
Se eu não paro de pensar
Em como seria estar com você
E me deixar apaixonar

Você é tanta tentação
Mas eu prefiro não me apegar
Para não ter que depois sofrer
Se somente eu amar





APRESENTAMOS O POEMA

LOUCOS

Por Waschniton Ferreira Santana

Sobre o autor: Autor de 28 anos escreve poesias desde a sua adolescência, o autor tenta passar alguma mensagem através das palavras, participante de algumas antologias relacionadas a poesias.

Oi, como está?

Posso agora falar?

— **Oi, ocupada, mas, fala.**

Então... não penso em mais nada.

— **Oi, não entendi. O que quer dizer?**

Eu quero você. Não consigo esquecer

Desde que te conheci. Tenho certeza.

— **De quê? Você nunca falou assim.**

Não ligo para o que pensam.

— **Mas sabe que não podemos.**

Podemos sim, se quisermos

Se deixar fluir nosso amor e desejo

Se esquecer do medo e de tudo.

— **Amo você**

Então vem ser feliz.

Mesmo sem saber pra onde ir

Mesmo todos criticando, vamos fugir?

Tenho planos para nós dois

— **Maluco, vamos sim. Promete me amar?**

Prometo fazer você feliz

Tenho amor guardado aqui

Tenho beijos e loucuras pra fazer por aí.

— **Você está aonde?**

Na porta da sua casa

Com flores e umas malas

Sei do nosso amor

Sei que me guarda

Por isso arruma tudo e vamos para casa.





APRESENTAMOS O CONTO
UM DIA DE ENCONTROS

Por Yael Weiss

Sobre a autora: Yael Weiss, 49 anos Suíço-Brasileira. Formada em Comunicação Social com aptidão para Publicidade e Propaganda pela Universidade São Judas Tadeu, MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas e Especialista em Sustentabilidade e Responsabilidade Corporativa pela Universidade Estadual de Campinas. Desde 1998 atua na área de marketing e eventos para varejo.

Tempo de encontro, amizades e interações.

Tempo de conversas, versos e prosas. Tempo de sol e calor humano.

E assim começou o dia, num sítio refestelado de abraços apertados de amigos, vizinhos e agregados.

A mesa era rústica e comprida, dos tempos da minha infância querida, lembrava-me dos lanches, das merendeiras sendo servidas, das trocas de bolachas, sanduíches e bebidas. Dois bancos de cada lado estendiam seus convites para horas de bate-papo.

A toalha era de renda, talheres tilintavam dos cestos e entre saladas e vinagretes, a mesa de tão cheia, animava a freguesia.

Crianças pulavam animadas na piscina, a bola batia na trave e o time se fazia.

Os homens conversavam em roda, as mulheres se juntavam naquele ritmo das antigas, mães, filhas, netas e esposas. Havia também os jovens casais, que de tão grudados desafiavam a lei da física, aquela que os dois corpos não ocupam o mesmo lugar.

Alguns rodeavam a churrasqueira e o carvão acendia. Carnes no espeto, asinhas de frango, peixe na brasa, uma mistura de cheiros e para todos os gostos, que de tanto, confundia.

Os pratos e seus donos desfilavam, uns em pé e outros alinhados à mesa, quando as atenções se voltaram a uma criatura miúda e com o rabinho entre as pernas que simplesmente do nada e sem ser convidado, apareceu.

Bem magrinho, de pouco pelo. Assim foi chegando, ora andava, parava e rebojava. Nossos amigos colocavam os pés acariciando o bichinho, que em um voto de confiança, deitava-se de barriga para cima.

Encheram uma bacia com água e logo em seguida fizeram um prato com pedaços de frango e linguiça. Eis que um olhar esperançoso e não mais arrebatador, debruçou-se sobre aquela tigela dos milagres.

A tarde passava. Uns contavam histórias, uns riam, outros falavam de futebol, faziam piadas, outros de política, de comida, de escola, filhos.

E ali estava eu, isolada, feliz por estar entre amigos, mas ao mesmo tempo tocada por um ser indefeso e vulnerável, aquele cãozinho.

Era final de novembro do ano de 2016. Na TV via-se a decisão do campeonato brasileiro de futebol, entre os times Vasco e Ceará. Concentrados à frente do jogo, havia um torcedor fervoroso do Vasco e os amigos ‘tira-sarro’ para polemizar o embate.

Enquanto rolava a bola, rolava o bolo. A mulherada ávida pelos doces oferecia as obras-primas, recém tiradas do forno.

E eu maquinando o que haveria na sequência. Meus olhares estavam onde o cachorro ia. E eu caía no choro. Foi aí que eu me decidi. Levaria o bichinho para casa. Cuidaria dele e ponto.

Em meio ao jogo tenso, cochichei ao ouvido do meu excelentíssimo: 'Vou ficar com ele'.

E ele responde: 'Eu já sabia'!

No final do segundo tempo, a menos de 5 minutos, um jogador do Vasco de nome Thales fez um gol, colocando o time na primeira divisão.

E em homenagem ao momento, meu marido aponta para o cão e diz a todos: 'Ele vai conosco e vai se chamar Thales'.

Hora do pôr-do-sol, guardavam-se as toalhas. Íamos nos despedindo.

Alguns amigos solidários viraram padrinhos do Thales. Uns contribuíram com o que tinham, fiquei emocionada.

Em um pano enrolei o Thales e o colocamos no carro. Partimos.

Chegando ao veterinário, logo no mesmo dia e prontamente, fomos atendidos.

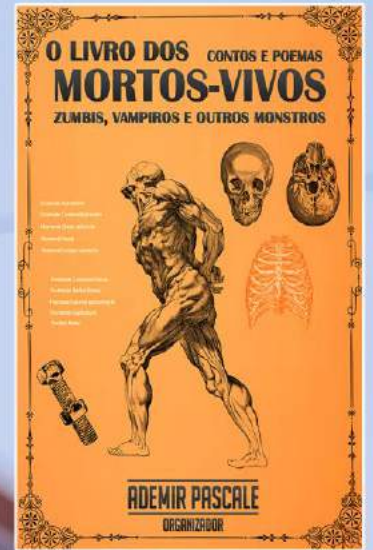
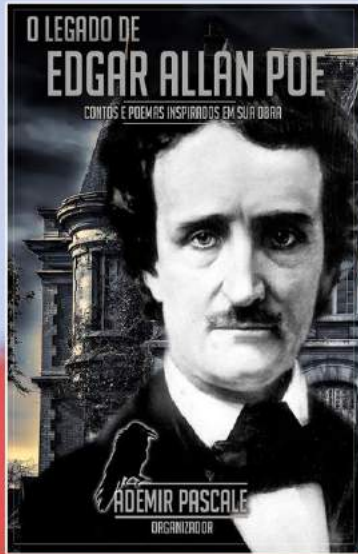
Tinha seus 4 meses. Sofreu nas ruas, sequelas, feridas, era frágil.

Com todos os cuidados, zelos, remédios e vitaminas, banho tomado e comida, acompanhamos essa preciosa vida.

E há quase cinco anos ele é o meu maior presente, meu amor e minha alegria!



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI